

**O QUE TEMER: A TECNOLOGIA OU QUEM A MANIPULA?  
O FATOR HUMANO E TECNOLOGIA NAS IGREJAS**

*Rogério Hernandez de Oliveira\**

**RESUMO**

O artigo aborda o uso da tecnologia nas atividades da igreja local, considerando sua evolução e natural necessidade de atualização num cenário de constantes e rápidas mudanças. O uso amigável de ferramentas facilitadoras pela igreja na sua função básica de proclamadora da mensagem do evangelho e a importância do fator humano que faz uso dessas tecnologias, investimento no seu preparo e cuidado com o caráter de quem as manipulam, mediante a construção de diretrizes e orientações práticas que vão além de orientações técnicas na sua formação, capacitação e atualização.

**Palavras-Chave:** Tecnologia, comunicação, inclusão digital, qualificação, criatividade, inovação continuada, ética.

**ABSTRACT**

This article discusses the use of technology in local church activities, considering development and natural necessity of updating in a constantly changing environment. The church's friendly use of facilitating tools in its basic function of forerunner of the Gospel and the importance of the human factor that makes use of these technologies, investing in training and nurturing the character of those who handle them by building parameters and giving practical orientation beyond technical instruction, training and updating.

**Key-words:** Technology, communication, digital inclusion, qualifying, creativity, continuing innovation, ethics.

Tecnologia e sua utilização na vida cotidiana de uma igreja local. Esta relação com as pessoas que a utilizam e dela usufruem no dia a dia das igrejas é uma discussão pertinente e muito significativa em especial no campo da comunicação, em especial quando se alia com as artes e técnicas de comunicação aplicadas na proclamação do Evangelho. O novo que atrai e ao mesmo tempo atemoriza. As impressões de insegurança e dúvida quanto aos efeitos da utilização de técnicas e ferramentas sobre o que já se conhece, e em particular, sobre o conjunto de valores e princípios que se crê e se mantém. Não se trata de uma causa típica apenas dos dias contemporâneos, é uma consequência natural da dinâmica da vida humana que atinge as pessoas no seio da igreja, e, por fim a própria igreja nas suas estratégias e *modus operandi*.

Até meados do século treze, a igreja era a principal guardiã do conhecimento e da tecnologia existente, geralmente bem expressa e manifesta no campo das artes. Conforme PETER DRUCKER em sua análise desse período, o cenário do mundo europeu transforma-se com a emergência das cidades, do comércio, da arquitetura gótica, das artes e do pensamento aristotélico e a literatura européia com Dante. Este reflexo na religião vem com o surgimento das ordens religiosas urbanas como os dominicanos e franciscanos. Mais adiante nova transformação ocorre agora cerca de duzentos anos depois com a invenção da imprensa por Gutenberg e a Reforma Protestante de Lutero com o grande cisma que vem preparar o caminho do fenômeno do protestantismo dentro do cristianismo institucionalizado e totalitário da Igreja Católica Romana, o desabrochar da ciência, o fortalecimento e organização das nações em estados, o expansionismo das descobertas além-mares<sup>1</sup>.

---

<sup>1</sup> A cada dois ou três séculos ocorre na história ocidental uma grande transformação. [...] Uma dessas transformações ocorreu no século treze, quando o mundo europeu, quase da noite para o dia, passou a centralizar-se na nova cidade – com a emergência das guildas municipais como grupos sociais dominantes e o renascimento do comércio a grandes distâncias; com a arquitetura gótica, eminentemente urbana e praticamente burguesa, e os novos pintores de Siena; com a mudança para Aristóteles como a fonte da sabedoria e as universidades urbanas substituindo os mosteiros e seu isolamento rural como centros de cultura; com as novas ordens religiosas urbanas, os dominicanos e franciscanos, emergindo como carreiras da religião, aprendizado e espiritualidade; e, em poucas décadas, com a mudança do latim para o vernáculo e a criação, por Dante, da literatura européia. Duzentos anos depois, a transformação seguinte teve lugar nos sessenta anos entre a invenção da imprensa por Gutenberg em 1455 e a Reforma Protestante de Lutero em 1517. Foram décadas em que floresceu o Renascimento, com seu apogeu entre 1470 e 1500 em Florença e Veneza; do redescobrimto da Antiguidade e da descoberta da América pelos europeus; da Infantaria Espanhola, o primeiro exército regular desde as legiões romanas; da redescoberta da anatomia e, com ela, da pesquisa científica; e da adoção

Mesmo resistindo em algumas áreas, o que se verifica é que este núcleo de conhecimento e desenvolvimento das ciências e tecnologia tem seu centro de promoção e estimulação produtiva deslocado, migrando dos mosteiros para a cidade. Da religião para o livre pensamento humano desconexo dos vínculos de fé. Assim, pouco a pouco este epicentro desloca-se dos religiosos para o domínio daqueles que passam a deter o poder desvinculadamente da vida da igreja. Se pudermos identificar um marco muito interessante é o próprio evento do surgimento da imprensa com o primeiro livro impresso, a Bíblia em 1455. Tão forte foi este impacto que ao final do século, cerca de mil tipografias em mais de 250 localidades já tinham publicado cerca de 30 mil edições e pelo menos 10 milhões de exemplares<sup>2</sup>. A vida dentro e fora da igreja é transformada com os efeitos aplicados de uma revolução tecnológica do advento da imprensa. Com o Renascimento e vindo em seguida o Iluminismo, na prática a igreja, tanto a igreja de Roma como as diversas igrejas oriundas do evento da Reforma, abdicam de serem os agentes de fomento para se tornarem espectadoras. Espectadores que, muitas vezes, por desconhecimento ou ausência do domínio e controle do novo, do que lhe passa a ser desconhecido e misterioso, transformam-se em agentes fomentadores de uma crítica muitas vezes dissociada da realidade.

Além deste, muitos aspectos poderiam ser abordados ao longo da história, mas vamos nos identificar com as manifestações mais recentes que atingem a vida da igreja contemporânea.

### **1. Um prenúncio não muito distante.**

---

generalizada dos algarismos árabes pelo Ocidente. E, mais uma vez, ninguém que visse em, 1520 conseguiria imaginar como era o mundo em que seus avós tinham vivido e no qual seus pais tinham nascido. DRUCKER, Peter Ferdinand. *Sociedade pós-capitalista*. São Paulo: PUBLIFOLHA, 1999. p.XI

<sup>2</sup> De todos os processos tecnológicos que marcaram a transição da Europa e da Idade Média para o mundo moderno, o mais significativo foi a invenção da imprensa. Conhecido dos chineses já no século XI, o princípio da produção de livros com tipos móveis teria impacto muito maior no Ocidente do que no Oriente, em grande medida porque a técnica era mais adequada ao alfabeto ocidental do que à língua chinesa, com seus milhares de caracteres. [...] Outros empreendedores, percebendo o potencial financeiro da invenção, abandonaram seus empregos de escribas e livreiros para se estabelecerem como impressores. No final do século, cerca de mil tipografias em mais de 250 localidades já tinham publicado cerca de 30 mil edições e pelo menos 10 milhões de exemplares, enquanto se calcula que apenas 50 mil manuscritos foram produzidos durante todo o século. A disponibilidade de livros aumentou imensamente o mercado de leitura. A demanda por Bíblias nunca diminuía e obras votivas como a Imitação de Cristo, do monge alemão Thomas à Kempis, gozaram de um surto de popularidade à mediada que a religião ganhava uma dimensão cada vez mais individual. ALLAN, Tony. *História em Revista 1400-1500 - Viagens de descobrimento*. Rio de Janeiro: ABRIL, 1992. p.113

Nesta presente geração, uma significativa contribuição para essa preocupação de pensar o futuro e se preparar para ele no meio da igreja evangélica pode ser verificada na obra de GEORGE BARNA. Influente formador de opinião junto à liderança evangélica norte americana na área de liderança, presidente do Barna Research Group, uma empresa de serviços de pesquisa e marketing situado em Glendale, Califórnia, fundado em 1984, notadamente voltado para assessorar as igrejas evangélicas nos EUA. Em sua obra “The Frog in the kettle”, editada em 1990 apontou para o seguinte quadro:

A velocidade com que uma organização obtém informações e a eficiência com que são utilizadas determinará em parte a sua sobrevivência. Temos somente 3 por cento da informação que nos estará disponível em torno do ano de 2010. A chave da sobrevivência diante da avalanche de informação que se aproxima não será o volume de dados coletados, mas como é utilizada. Vislumbram-se novas aplicações importantes de tecnologia já existentes relacionadas a computadores pessoais, satélites e telecomunicações. Essas novas tecnologias devem ser adotadas e utilizadas pela Igreja e tratadas como um amigo e não um adversário. Os líderes da igreja precisam ser tecnologicamente educados, pessoal especializado pode ser contratado para administrar o fluxo da informação. O próprio fato de que a congregação está usando a nova tecnologia transmite um sinal significativo à comunidade em que está inserida.<sup>3</sup>

A coleta de informações e a eficiência de sua utilização tornam-se fator de eficácia na luta pela sobrevivência de uma organização, e uma igreja estabelecida em sua comunidade não foge à regra. O incremento da informação previsto a cerca de 15 anos atrás por BARNA, de 3 para 100 em vinte anos, provavelmente já foi atingido e carecemos de tecnologia para administrar esse volume de forma racional, adequada e sábia. A constatação do uso disseminado dos computadores pessoais e de toda tecnologia da comunicação neste período transformou profundamente as formas e métodos de comunicação e no exercício de praticas rotineiras da vida. Voltar a 15 anos atrás e dizer que em menos de uma década, ao chegarmos a um encontro de pastores e líderes de uma denominação seria mais natural a troca de *e-mails* e de número de telefones celulares pessoais do que o telefone da igreja. Mais ainda, a plena aposentadoria da tão boa máquina de escrever para sua substituição agora, nem mais do computador no gabinete, mas de uma unidade portátil com menos de 2kg que levamos em nossa pasta e dali nos comunicamos, trabalhamos e levamos até uma completa biblioteca de versões de Bíblia, comentários, estudos, sermões e até alguns deles estrategicamente

---

<sup>3</sup> BARNA, George. *The frog in the kettle: what Christians need to know about in the year 2000*. Ventura, Califórnia: REGAL, 1990. p. 49. (tradução própria)

montados para uma apresentação em multimídia. Realidade que continua em plena transformação para um quadro onde, nem mais a pasta é carregada, mas um simples *palm* retirado do bolso e ali ter: Bíblia, agenda, memória suficiente para anotações, dispensando até uma simples caneta de tinta. Como reagiríamos a um quadro deste, tão familiar nos nossos dias, se nos fossem apresentados às vésperas do advento da década de 90.

Mais do que uma simples antecipação visual do futuro, BARNA chama a nossa atenção para algo muito importante: essas novas tecnologias precisam ser assimiladas, tratadas e utilizadas pela Igreja, como parceiras coadjuvantes, como um amigo e não como um adversário.

Pode parecer-nos estranho, mas na sua essência qual é a diferença entre participarmos de um culto com a nossa versão de Bíblia digital, ou várias versões, na memória de um *PDA*<sup>4</sup> que trazemos no bolso para uma versão impressa da Sociedade Bíblica do Brasil? Lembramos que a menos que uns poucos séculos da era cristã, cerca de um quarto de sua dimensão cronológica, o fato de possuir um exemplar pessoal impresso em dimensões que agora tão familiarmente carregamos em nossas pastas ou levamos na mão, era absolutamente impensável, já que o santo livro era uma exclusividade de posse da igreja institucional.

Estes são conceitos que nos confundem já que a nossa tendência natural é de cristalizar os momentos e a realidade conhecida que nos traz conforto e segurança pelo fato de que este cenário dominamos. No entanto temos um desafio de sobrevivência nessa realidade mutante e transformadora.

## **2. A pertinência qualitativa do fator humano e sua aplicação.**

O quadro anterior descrito por BARNA nos leva a concluir que na verdade o grande dilema não é tecnológico, mas humano. Nesta relação de utilização de tecnologias na comunicação de sua mensagem e sua gestão como organização, a igreja conta primordialmente com o fator humano, muito mais que o tecnológico.

Lidamos com a questão da disponibilidade de recursos, sua escassez e tensão existente ente o sonhado e desejável para o que é possível, mas a questão do agente criativo que os operam, o fator humano é considerado acessório menor e, acredita-se que o problema será

---

<sup>4</sup> PDA ou Handheld – palm digital assistants – assistente pessoal digital

automaticamente solucionado se os recursos materiais e/ou tecnológicos forem supridos. Este equívoco persiste e cada vez mais se torna relevante.

De forma especial no ministério pastoral, o abuso ou inadequado uso pode ser fatal, se a questão de capacitação e caráter da pessoa não for plenamente pacificada e assegurada na sua formação. CHARLES SWINDOLL trata com extrema franqueza esta questão:

O ministério é uma profissão de caráter. Para falar francamente, você pode dormir por aí e ser um bom neurocirurgião. Você pode trair seu cônjuge e ter pouca dificuldade em continuar a praticar a advocacia. Aparentemente, não há problema em continuar na política e plagiar. Você pode ser um vendedor bem sucedido e sonegar seu imposto de renda. Mas você não pode fazer essas coisas como cristão ou ministro e continuar a usufruir as bênçãos do Senhor. Você precisa agir certo para poder ter verdadeira integridade. Se você não consegue chegar a um acordo quanto ao mal, ou quebrar hábitos que continuam a trazer descrédito ao nome de Cristo, por favor, faça ao Senhor (e a nós no ministério) um favor e se demita.<sup>5</sup>

Uma das igrejas marcada como referencial das mais inovadoras no uso de tecnologia na área de comunicação, e que não mede esforços para utilizar ao máximo estes recursos, procurando conciliar sua aplicação desde sua fundação em 1975 é a Willow Creek Community Church sediada em South Barrington, Illinois. Através do uso de diversas formas de comunicação envolvendo música, teatro, vídeos, alta tecnologia de suporte tem buscado de forma extensa e intensa utiliza-las em seus cultos e produção de diversos materiais. A imagem de um centro de excelência tecnológica a serviço da comunicação do evangelho nessa igreja pode levar a uma imagem equivocada com seu foco na tecnologia e equipamentos, entretanto, a principal preocupação de seus líderes responsáveis na área não é esta. Seu diretor ministerial na área de música, RORY NOLLAND, compartilha na introdução de seu livro “O Coração do Artista”, a seguinte constatação prática, que não se limita à sua própria comunidade:

Há algum tempo falei em uma conferência numa igreja em Ft. Lauderdale cujo público era em sua maioria de pastores e líderes. Falei sobre a situação atual da música e do futuro das artes na igreja. No entanto, minha paixão mais profunda é por ver artistas cristãos vivendo vidas íntegras e de caráter verdadeiramente cristão. Assim sendo, mencionei algumas palavras sobre caráter e integridade. Falei muito pouco sobre isso, mas ainda assim houve uma avalanche de perguntas, todas lidando com a questão do caráter e da integridade na vida dos artistas na igreja.<sup>6</sup>

---

<sup>5</sup> SWINDOLL, Charles. *A noiva de Cristo – Renovando nossa paixão pela Igreja*. São Paulo: VIDA, 1996. p. 200-201.

<sup>6</sup> NOLLAND, Rory. *O coração do artista: construindo o caráter do artista cristão*. São Paulo: EKKLESIA, 2000. p. 11.

A preocupação deste aspecto do fator humano tem sua importância manifestada mais uma vez quando em um manual de sugestões de uso de diversas mídias e artes aplicadas com diversas tecnologias, foi elaborado pelos responsáveis pela direção de programação e consultoria de aplicação e uso de artes na Willow Creek, com sua edição em 1996. Uma compilação de recursos, como músicas, play-backs, vídeos, trechos de filmes, etc. Na introdução deste material, NANCY BEACH<sup>7</sup>, diretora de programas da igreja, elenca diretrizes que norteiam todas as áreas envolvidas na programação, desde o apoio de bastidores mais simples aos membros participantes a equipe de vídeo, áudio, iluminação com tecnologia avançada e alto grau de capacitação técnica. Estes princípios foram adaptados como balizas que orientam o Departamento de Multimídia de nossa igreja local (Igreja Evangélica Menonita Nova Aliança em Curitiba – PR):

O uso criativo de elementos relacionados a artes em cultos e celebrações, implica em escolhas corretas:

- **Optar pelo planejamento sobre a “colagem”. Implica objetividade, propósito.**  
Qual o objetivo, o propósito, alvo, desta celebração específica? O que exatamente estamos tentando alcançar com este culto? Quem é nosso principal público alvo e quais os meios específicos que iremos utilizar para que eles possam pensar ou se sentir diferentes quando saírem de lá? Qual seria o “sucesso” atingido como resultado deste culto? Os participantes irão entender ou aprender algo novo e significativo para suas vidas? Eles serão desafiados, encorajados ou receberão convicção? Se Deus é capaz de fortalecer os nossos esforços, até onde poderemos ousar avançar e ver?
- **Optar pela excelência sobre a mediocridade. Implica dedicação e eficiência.**  
O povo de Deus tem de honrá-lo com o melhor possível, afinal isso é bíblico. No sistema sacrificial do Antigo Testamento os cordeiros que Lhe eram oferecidos tinham de ser perfeitos. Quando Deus concluiu a criação, ao final do sexto dia proclamou: *“muito bom!!!”* Isso não significa um perfeccionismo neurótico, mas que os meios utilizados (local, a música, dramatizações, etc.) devam ser os melhores conforme os recursos e talentos da igreja.  
*“A idéia de que o Espírito pode trabalhar de qualquer modo, que Deus pode trazer resultados, basta que façamos alguma coisa, é inadmissível para aqueles que têm como alvo conhecer o Deus vivo e podem ver a Sua integridade e dedicação na qualidade de Sua Palavra e do mundo ao nosso redor”* (Francis Schaeffer em - Viciado na mediocridade).
- **Optar pelo trabalho em grupo do que esforços isolados. Implica interdependência.**  
Aprender com a riqueza do trabalho participativo em equipe do que esforços isolados, apesar de talentosos, são uma rica experiência tanto nos resultados como no próprio exercício da vida de corpo. Estabelecer uma equipe de trabalho criativa com pessoas que pudessem agregar os seguintes atributos:
  - a) uma clara compreensão e visão da missão da igreja local;
  - b) que sejam perceptivos e intuitivos quanto às artes e à natureza humana;

---

<sup>7</sup> BEACH, Nancy; DYER, Scott. *The Source. Resource guide for using the creative arts in church services.* Grand Rapids – Michigan: ZONDERVAN, 1996. p. 9-14.

- c) tenham uma atitude de: “é possível ser feito” e pensadores entusiasmados;
- d) não sejam naturalmente limitadores pelas dificuldades;
- e) com desejo vital de expressar amor;
- f) pessoas cuja idéia de uso de diversas artes é considerado algo natural de ser aplicado e apreciado nos cultos.

*“É melhor ser co-autor de muitos trabalhos brilhantes do que autor solitário de um trabalho medíocre”.* Washington Olivetto – diretor de criação da W/Brasil

- **Optar pela variedade sobre a previsibilidade. Implica criatividade.**

A rotina previsível nos é cômoda, mas também nos faz relaxar e “baixar as guardas” quanto ao que poderíamos usufruir e aprender nos momentos de celebração. Ao caminharmos ao longo deste mundo olhando para a natureza, somos constantemente surpreendidos pela multiplicidade criativa do toque do nosso Deus. Isso implica num constante uso e exercício de nossa criatividade. Não se trata de uma busca obsessiva pela “novidade”, mas o que podemos fazer para uma comunicação melhor? Como fazer as coisas antigas de um jeito novo, de modo a alcançar o alvo proposto?

- **Optar por momentos significativos sobre “brilhos”. Implica eficácia.**

O ser humano tem uma importante área a ser trabalhada na sua vida que é a sua alma, receptáculo de suas emoções e seu entendimento. Estabelecer pontos que possam “tocar” essa alma, deixar marcas significativas que tornem a mensagem de Deus algo identificável e personalizado. Técnicas apuradas, ou mesmo a sua ausência, não podem ser obstáculos, ou objetivos ou desculpas que se sobreponham ao estabelecimento destes toques significativos na alma humana, deixando fortes pontes para o fluir do mover de Deus. Momentos artísticos significativos podem ser a alavanca de uma pregação que pode mudar dramaticamente muitas vidas. *“Use um espelho para ver sua face e um trabalho com arte para ver sua alma”.* Bernard Shaw.

- **Optar pelos multiformes dons dados por Deus sobre habilidades humanas. Implica capacitação divina.**

Obviamente que o envolvimento de pessoas habilidosas e talentosas é requisito extremamente desejável, mas em hipótese alguma, estes atributos devem prevalecer sobre embarços e pecados que não são tocados e limpos sobrepondo-se ao caráter, a uma vida interior rendida a Deus. A integridade é um fator de segurança. Havendo situações a se optar entre orientação divina e capacitação humana, não corra o risco de ficar com a segunda. Conserto de vida será necessário antes que qualquer outra “necessidade” seja suprida, apenas por conta da capacitação humana. Talentos naturais serão necessários, mas deverão ser acompanhados da “unção” divina sobre o talento, isso implica capacitação divina que traduz uma manifestação clara da ação do Espírito de Deus.

- **Optar pela orientação divina sobre “fórmulas prontas”. Implica dependência de Deus.**

Experiências pessoais, de outros, pesquisas, sessões de planejamento, etc. tudo isso é tremendamente didático, fonte de inspiração, mas continua apoiado em expressões e agentes humanos, mesmo usados por Deus. Inspiração criativa eficaz e inesgotável somente no próprio Criador do universo. Isso implica em buscar orientação na principal, e maior fonte de inspiração para nós, o próprio Deus. Programas, idéias que possam atingir poderosamente a vida das pessoas devem resultar, primariamente, da própria voz de Deus dando idéias e inspiração para serem traduzidas em expressões



artísticas. Geralmente as melhores idéias não são encontradas em manuais, mas na sensibilidade dependente ao ouvir, ao olhar atento, para com o falar e mover dele.<sup>8</sup>

### 3. Continuando a olhar para frente.

Em recente artigo de autoria de BARNA divulgado na internet intitulado: “As Technology Changes the World, The Church Must Adapt”, ele volta a abordar a mesma preocupação de delineada em 1990 avançando para cenários que se descortinam, lembrando como a igreja vem encarando essas realidades trazendo ao seu final a seguinte reflexão:

Não se engane, daqui a vinte anos, a experiência de fé compartilhada por grande parte da nação dependerá das tecnologias que cada crente terá incorporado à sua rotina espiritual. A vanguarda de nossa cultura já está redesenhando a cara da igreja através da sua aceitação de um novo relacionamento entre tradicional e inovador, recursos e experiências. Os pastores que estão lutando contra a invasão das tecnologias emergentes estão absolutamente equivocados. Quando as Escrituras nos exortam a estar no mundo, mas não ser do mundo, somos chamados a utilizar com excelência toda sorte de ferramenta disponível para os propósitos de Deus e não bloquear o avanço do progresso. O Cristianismo precisa constantemente reinventar seus métodos sem comprometer princípios e padrões teológicos. Perder de vista a diferença entre métodos ministeriais e conteúdo bíblico é um dos desafios mais significativos para a Igreja de hoje.<sup>9</sup>

Entender e usar a tecnologia como uma aliada e não como um inimigo ou um substituto definitivo do agente humano, de princípios e valores de fé e teológicos ou mesmo da capacitação divina é um aprendizado constante a ser realizado juntamente com o desenvolvimento do caráter. Também, da mesma forma que se investe em equipamento e tecnologia há que se compreender a necessidade de investimento no agente humano que manipula e faz uso destas tecnologias. Compreender que há diversos níveis, tanto de recursos materiais como humanos necessários e desejáveis na evolução de seu uso, que podem ser adequada e harmonicamente implementados no dia a dia da igreja.

Ainda somos majoritariamente uma geração de transição. Transição para quem foi educado e formado numa realidade sem o forte componente da tecnologia digital que se democratizou a partir da década de 80, e a agora tem que conviver com essa revolução tecnológica. Ainda temos uma forte tendência de buscarmos nossas soluções com

---

<sup>8</sup> Este material foi desenvolvido como parte integrante de um treinamento para criação e operação de tecnologias digitais com a utilização de equipamentos de multimídia atendendo a áreas de: cânticos, mensagens, avisos, produções especiais de imagens e vídeo com a inserção de tecnologia digital nos cultos e atividades da igreja local, predominantemente com jovens da faixa etária de 15 a 20 anos. OLIVEIRA, Rogério H. *Orientações básicas no uso do multimídia no ministério da igreja local.doc*. Manual do departamento de multimídia da Igreja Evangélica Menonita Nova Aliança. Curitiba, 2004, arquivado em disco rígido do autor. WORD 2003.

<sup>9</sup> BARNA, George. *As Technology Changes the Worlds, The Church Must Adapt*. Disponível em: <http://www.barnafilms.com/georgebarna.php>. Acesso em: 02 abr. 2005. (tradução própria)

metodologias oriundas de tecnologias ultrapassadas utilizando a nova ferramenta. Precisamos lembrar que cada vez mais a geração que vem ocupando espaços já nasceu numa realidade em que este novo já lhes é o natural. Muitos dos atuais pilotos de jatos de guerra são jovens cujas habilidades de pilotagem já vieram em parte desenvolvidas a partir da sua familiaridade com *joysticks* de jogos em sua infância, agora semelhantemente existentes no comando das aeronaves mais modernas.

O caminho que identificamos nessa evolução e adequação à transformação natural do nosso meio ambiente passa inevitavelmente por um aprendizado de convívio e constante treinamento do agente humano com as ferramentas tecnológicas em três etapas naturais de um ciclo que identificamos necessários de uma caminhada de forma continuada:

Primeira fase: **INCLUSÃO**.

Admitir as novas ferramentas familiarizando-se e compreendendo-as como e o que são tanto no seu uso e potencialidade operacional como facilitadoras de nossas tarefas, isto requer uma alfabetização tecnológica continuada.

Segunda fase: **FAMILIARIZAÇÃO**.

Por meio da continuada educação em tecnologia, a prática do aprendizado constante e não só de seu uso básico; a sua plena inclusão na rotina diária de nossa vida. Esta é uma educação realizada em uma caminhada como de uma espiral que a cada ciclo vai se aprofundando e continuamente avança.

Terceira fase: **CRIAÇÃO**.

Nessa terceira fase, não somente ter o domínio da tecnologia, mas da sua plena integração no processo criativo e de produção nas nossas atividades. Pensar e criar já a partir das características intrínsecas dessas tecnologias diretamente sem a as etapas migratórias de outras técnicas. O estágio de maturidade é o da plena integração em nossas rotinas produtivas que alia ao ciclo continuado do novo que vem: incluir, familiarizar e criar continuamente.

Quando visitamos um museu e contemplamos uma obra de arte de alguns séculos nos surpreendemos com a técnica aplicada de alguns artistas na elaboração de uma pintura, sua busca de expressão criativa limitada ao uso da tecnologia que uma tela, pincéis e tintas lhe proporcionavam. O que não dizer do que é possível ser realizado no mesmo campo das artes visuais, utilizando da tecnologia disponível com a captura de imagens com uma câmera digital, gravar em um *chip* de memória, transmiti-la para um computador pessoal sem uma conexão física e, por meio de *softwares* gráficos, o artista contemporâneo expressar sua criatividade para logo em seguida apresentá-la com um equipamento de realidade virtual onde

podemos não só apreciar, mas interagir com ela? Qual a diferença na sua essência que não a de meios tecnológicos que dentro de sua potencialidade viabilizam a expressão criativa humana?

Para alguns mais saudosistas e puristas dos “bons tempos antigos”, como seria encarar a realidade de que se fossem disponibilizados os recursos tecnológicos atuais para alguém como Michelangelo, este de pronto abandonaria a limitação de suas telas e pincéis para adotar um computador pessoal equipados com os *softwares* gráficos que temos hoje? Ou mesmo disponibilizar para um Charles Spurgeon os meios, mesmo que mais simples de um sistema de áudio para quem à sua época pregava a milhares sem único sistema de amplificação, ou mesmo ter à sua disposição os recursos que agora encontramos com projetores e criações visuais em multimídia? Ainda conceder a facilidade de levar uma biblioteca completa na memória de um *notebook* para uso e estudos pessoais a um John Wesley em suas viagens através da Inglaterra, limitado na sua época ao lombo de um animal e sua algibeira transportando alguns exemplares. Na verdade, já uma condição tecnológica muito avançada para Martinho Lutero e os exemplares de Bíblia impressos de sua época. Quais seriam as suas escolhas? Poderia ainda ser mantida ou comprometida a mesma pureza de conteúdo da mensagem impactando as vidas ao seu redor, e até ampliando seus resultados?

O desafio de despertar pessoas e principalmente lideranças nas igrejas locais, para serem em suas comunidades um referencial visível de criatividade, de excelência e estabelecimento de novos paradigmas no uso da tecnologia para a comunicação do Evangelho como outrora é uma boa reflexão para avaliarmos nossa eficácia na proclamação dessas imutáveis Boas Novas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS E OBRAS CONSULTADAS

ALLAN, Tony. *História em Revista 1400-1500 - Viagens de descobrimento*. 2. ed. Rio de Janeiro: ABRIL, 1992.

BARNA, George. *The frog in the kettle: what Christians need to know about in the year 2000*. 1. ed. Ventura, California: REGAL, 1990.

\_\_\_\_\_. *As Technology Changes the Worls, The Church Must Adapt*. Disponível em: <http://www.barnafilms.com/georgebarna.php>. Acesso em: 02 abr. 2005

BEACH, Nancy; DYER, Scott. *The Source. Resource guide for using the creative arts in church services*. 1.ed. Grand Rapids – Michigan: ZONDERVAN, 1996.

DRUCKER, Peter Ferdinand. *Sociedade pós-capitalista*. 1.ed. São Paulo: PUBLIFOLHA, 1999.

NOLAND, Rory. *O coração do artista: construindo o caráter do artista cristão*. 1.ed. São Paulo: EKKLESIA, 2000.

OLIVEIRA, Rogério H. *Orientações básicas no uso do multimídia no ministério da igreja local.doc*. Manual de orientação para os participantes do departamento de multimídia da Igreja Evangélica Menonita Nova Aliança. Curitiba, 2004, arquivado em disco rígido do autor. WORD 2003.

SWINDOLL, Charles. *A noiva de Cristo – Renovando nossa paixão pela Igreja*. 1.ed. São Paulo: VIDA, 1996.